



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

HUGO CÉSAR DE OLIVEIRA ARAÚJO

**CONTABILIDADE MENTAL E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: um estudo em
uma unidade de ensino superior na modalidade educação à distância.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

HUGO CÉSAR DE OLIVEIRA ARAÚJO

**CONTABILIDADE MENTAL E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: um estudo em
uma unidade de ensino superior na modalidade educação à distância.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Departamento do Curso de
Ciências Contábeis, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do grau de bacharel em Ciências Contábeis,
Área de concentração: Contabilidade
Gerencial

Orientadora: Prof. Dr^a Roseane Patrícia de
Araújo Silva

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663c Araujo, Hugo César de Oliveira.
Contabilidade mental e finanças comportamentais
[manuscrito] : um estudo em uma unidade de ensino superior
na modalidade educação à distância. / Hugo Cesar de Oliveira
Araujo. - 2018.
25 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências
Contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas, 2018.
*Orientação : Profa. Dra. Roseane Patrícia de Araújo Silva
, Coordenação do Curso de Ciências Contábeis - CCSA.*
1. Contabilidade mental. 2. Endividamento. 3. Finanças
comportamentais. I. Título

21. ed. CDD 657

HUGO CÉSAR DE OLIVEIRA ARAÚJO

CONTABILIDADE MENTAL E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: um estudo em uma
unidade de ensino superior na modalidade educação a distância.

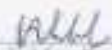
Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado ao Departamento do Curso de
Ciências Contábeis, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do bacharel em Ciências Contábeis.

Área de concentração: Contabilidade Gerencial

Aprovado em: 20/11/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Rosane Patrícia de Araújo Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Msc. Ivahel Jesuina Barbosa da Rocha Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Ednair Batista de Sá
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	04
2	PLATAFORMA TEÓRICA.....	06
2.1	Contabilidade mental e finanças comportamentais.....	06
2.2	Endividamento e educação financeira.....	08
2.3	Investigações prévias.....	10
3	MEDODOLOGIA.....	11
4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	12
4.1	O perfil dos entrevistados e das dívidas.....	12
4.2	Nível de educação financeira e fatores comportamentais nos gastos e endividamento dos entrevistados.....	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS	24

CONTABILIDADE MENTAL E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS: um estudo em uma unidade de ensino superior na modalidade educação à distância.

Hugo César de Oliveira Araújo ¹

RESUMO

O presente estudo buscou identificar como a contabilidade mental atua nas decisões financeiras dos alunos de uma unidade educacional de ensino superior na modalidade educação a distância no município de Alagoa Grande-PB. Para tal, foi realizada uma pesquisa *survey* com uma amostra de 103 alunos integrantes desta instituição. Caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, quanto aos objetivos e possui natureza quali-quantitativa. Nos resultados, verificou-se que os entrevistados possuem percepções diferentes, ao considerar as áreas de conhecimento aos quais pertenciam, quando abordados sobre o endividamento, encontrando nos alunos de ciências humanas o maior percentual de endividados. Considerando a amostra total da pesquisa, encontra-se que os principais motivos que levaram ao endividamento dos alunos foram: (i) gastos maiores que despesas e (ii) compras por impulsividade; quanto ao tipo de socorro financeiro, a maioria busca auxílio com amigos e parentes; o principal atributo utilizado para basear suas decisões de consumo foi a impulsividade; o investimento financeiro mais conhecido pela amostra é a poupança, o que corrobora com a preferência por investimentos seguros e com baixo risco de perdas; os dados revelam que a maioria dos entrevistados usam apenas a mente para monitorar os seus controles com os gastos; ao avaliar a questão de gênero, encontra-se que as mulheres tendem a poupar mais que os homens.

Palavras-Chave: Contabilidade mental. Endividamento. Finanças comportamentais.

1 INTRODUÇÃO

Dados do Serviço de Proteção ao crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em 2018, constataram que cerca de 63 milhões de consumidores brasileiros estão inadimplentes, tendo como principais consequências não poder mais dispor de qualquer tipo de crédito, como fazer um empréstimo, financiamento ou parcelar suas compras no crediário, afetando fortemente o consumo das famílias no Brasil.

O consumo em si não representa algo de ruim para a economia, pois ela é parte importante no somatório do Produto Interno Bruto – PIB nacional, mas o consumismo desenfreado, sem nenhum tipo de responsabilidade é um fator preocupante, podendo levar as pessoas ao descontrole financeiro e conseqüentemente ao endividamento.

¹ Aluno de Graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: hugocesaruepb@gmail.com

Em 2017, o economista comportamental Richard H. Thaler, foi laureado com o prêmio Nobel da Economia, por contrapor teorias tradicionais da economia, desenvolvendo o estudo da contabilidade mental, teoria a qual contesta a racionalidade dos indivíduos ao praticar ações de caráter financeiro, agindo assim de praxe, como descrevem as teorias clássicas da economia. De acordo com o Steingraber e Fernandez (2013), esse '*homo economicus*' seria racionalmente perfeito e sem falhas.

A contabilidade mental trabalha em conjunto com as teorias das finanças comportamentais. Segundo Camargo et al. (2015) as finanças comportamentais visam esclarecer, através de estudos relacionados com a psicologia, como os fatores psicológicos dos seres humanos podem afetar nas tomadas de decisões em relação as suas finanças.

Com base nesses preceitos, o presente estudo justifica-se pela importância e impacto que às decisões financeiras dos consumidores ativos de uma sociedade podem acarretar na economia, apresentando também o pensamento de vários autores acerca do assunto e os principais resultados acerca das últimas investigações sobre o tema.

O modo como as pessoas pensam e tomam suas decisões podem e devem levar a uma reflexão do próprio indivíduo, da sociedade e das empresas, que também são fortemente afetadas pelo comportamento social das pessoas perante o mercado. Este artigo possibilita entender o caminho do processo decisório da população investigada, observar os principais fatores que levam ao endividamento, mostrar a importância de manter um controle pessoal dos gastos e de uma educação financeira adequada.

A investigação foi realizada em uma unidade educacional de ensino à distância da Universidade Federal da Paraíba – UFPB Virtual, integrante do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB, na cidade de Alagoa Grande-PB, com foco no nível superior e abrange 28 polos municipais, nos estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará, Bahia e Rio Grande do Norte.

Destarte, o presente artigo pretende investigar a seguinte questão-problema: como a contabilidade mental é percebida por alunos de uma unidade de ensino superior no momento de tomada de decisão financeira? Portanto, este estudo tem como objetivo principal identificar como a contabilidade mental atua nas decisões financeiras dos alunos de uma unidade educacional de ensino superior na modalidade educação à distância. Como objetivos específicos, estabelece: (i) identificar o perfil das dívidas desses alunos por área de conhecimento aos quais os mesmos pertencem; (ii) averiguar o nível de educação financeira e a situação das finanças da população investigada e; (iii) verificar os diferentes aspectos relacionados a educação financeira ao considerar a variável gênero dos entrevistados.

2 PLATAFORMA TEÓRICA

Esta seção tem como principais objetivos mostrar os conceitos dos principais autores sobre o tema contabilidade mental e educação financeira, questões sobre o endividamento e, por fim, algumas relevantes investigações prévias a este estudo.

2.1 Contabilidade mental e finanças comportamentais

De acordo com Steingraber e Fernandez (2013) a economia neoclássica sempre procurou tratar matematicamente o comportamento dos indivíduos (consumidores, empresas, investidores), idealizando o chamado '*homo economicus*', um homem racionalmente perfeito e sem falhas.

Uma das primeiras personalidades a se contrapor ao modelo neoclássico de economia foi Herbert A. Simon. Em 1978 Simon ganha notoriedade mundial ao ser agraciado com o Nobel da Economia com seu estudo precursor sobre processo de tomada de decisões dentro de organizações econômicas, criando o modelo da Teoria da Racionalidade Limitada (TRL). Segundo Steingraber e Fernandez (2013) a teoria da racionalidade limitada preconiza que, mesmo com a intenção de ser maximizador, o indivíduo continua sendo sujeito a cometer erros e omissões e naturalmente alcança e contenta-se com resultados apenas 'satisfatórios' e não 'ótimos'.

Mais recentemente, em 2017, porém utilizando preceitos dos estudos de Simon, o economista norte-americano Richard H. Thaler, um estudioso de Economia Mental, também foi premiado com prêmio Nobel de Economia, ganhando notoriedade pela teoria da Contabilidade Mental, advinda dos estudos da economia comportamental.

A partir de então, somado a evolução do estudo da contabilidade tradicional, surge uma nova área do pensamento contábil, preocupando-se com os processos decisórios, e utilizando princípios de outras áreas do conhecimento, formando assim o estudo da Contabilidade Mental. Segundo Lucena, Fernandes e Silva (2010, p.42) a contabilidade tem suas raízes nas Ciências Sociais Aplicadas, porém, ao se falar no processo de tomada de decisões, utiliza-se de princípios comportamentais, oriundos da psicologia.

O estudo das finanças comportamentais, em especial o tópico da contabilidade mental foi desenvolvido a partir da teoria dos prospectos (TP). Os psicólogos Kahneman e Tversky (1979) iniciaram estudos que contrariaram todas as teorias tradicionais até então, como o modelo da utilidade esperada (TUE), recebendo em 2002 o Prêmio Nobel da Economia (OLIVEIRA E KRAUTER, 2015, p.109).

Enquanto a teoria moderna de finanças é baseada na busca da maximização da utilidade esperada, as finanças comportamentais estabelecem que algumas variáveis econômicas não podem ser descritas pelas condições de equilíbrio da teoria moderna, tendo em vista que os agentes financeiros tomam decisões muitas vezes incompatíveis com atitudes baseadas em expectativas racionais. (KIMURA, BASSO E KRAUTER, 2006, p.42)

Criticando o modelo da utilidade esperada, os estudiosos supracitados mostraram que os indivíduos fazem escolhas diferentes quanto existe o risco de ganhos e perdas, além da falta total de racionalidade (STEINER et al., 1998).

Steiner et al. (1998) e Dantas e Macedo (2013), em suas investigações acerca das finanças comportamentais, consideram que a sensibilidade às perdas é diferente da sensibilidade que as pessoas têm aos ganhos; assim como as diversas formas utilizadas na apresentação das questões alteram a decisão das pessoas, contrariando o princípio da invariância. Segundo Dantas e Macedo (2013) a invariância pressupõe que se alguém é posto diante alguma questão, não importaria o modo como as alternativas fossem apresentadas, a pessoa sempre escolheria a melhor alternativa.

Sabe-se que os estudos tradicionais de finanças abordam os aspectos econômicos, visando às melhores alternativas de investimento, a fim de maximizar o retorno financeiro. (FLORES, VIEIRA E CORONEL p.14, 2011). O resultado, porém, dependerá de vários fatores, controláveis ou não controláveis, principalmente das preferências do próprio agente.

A partir desses postulados, é necessário considerar, cada vez mais, outros fatores que não sejam somente matemáticos, com métodos mais objetivos de quantificação. Lucena, Fernandes e Silva (2010) descrevem que ao longo das últimas décadas, os operadores da contabilidade têm reconhecido a necessidade de mais informações não quantificáveis. Isso significa que não somente àquelas informações matemáticas, que automaticamente possam ser traduzidas em números, devem ser analisadas, ou seja, há outras influências que, algumas vezes, não são visíveis, mas precisam ser levadas em consideração.

Para Iudícibus e Marion (2018) a contabilidade é o principal instrumento que subsidia os administradores e gestores a tomar decisões e ela pode também ser útil para que as pessoas, em seu dia a dia, na administração das finanças próprias, para que possam fazer escolhas mais racionais. Nesse contexto, Canto, Treter e Cavalli (2017) chegam a conclusão que a contabilidade mental propõe que os indivíduos executem operações de contabilidade, de forma semelhante ao que fazem as empresas, assim lhes permitindo organizar e avaliar suas decisões econômico-financeiras.

Nesse sentido, pode-se considerar que a contabilidade comportamental e a contabilidade tradicional podem caminhar juntas, inclusive utilizando-se dos meios objetivos

de quantificação, observação e análises dos dados financeiros pessoais, avaliando o passado e planejando o futuro para uma melhor administração do patrimônio pessoal, de forma semelhante às empresas que praticam a boa contabilidade.

2.2 Endividamento e educação financeira

Segundo dados do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em maio de 2018, o número de pessoas cadastradas em situação de inadimplência chegou em 63 milhões de consumidores. Considerando que o consumo das famílias representa um dos pilares do Produto Interno Bruto (PIB), é um número além de significativo, preocupante. Segundo dados do IBGE (2017) o consumo das famílias representa cerca de 60% do PIB nacional bruto, sendo assim um importante pilar da economia.

Os estudos de Camargo et al. (2015) e Canto, Treter e Cavalli (2017), que investigaram a influência da contabilidade mental nas decisões financeiras das pessoas, concluíram que a maioria dos endividamentos estavam bastante concentrados nos gastos com cartão de créditos. Grande parte das pessoas investigadas não conseguem controlar os gastos no cartão, e compram mais do que planejavam pagar na fatura, apesar da maioria das empresas de cartão de crédito oferecem aplicativos para exercer esse controle.

Em pesquisa da empresa Boa Vista SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito) em 2018 as principais causas do endividamento são o desemprego, o descontrole financeiro, emprestar o nome a terceiros, diminuição da renda, despesas extras e o atraso no recebimento da remuneração. Desses motivos, o descontrole financeiro é o mais diretamente ligado à falta de educação financeira. A educação financeira serve para possibilitar escolhas racionais.

Uma pessoa educada do ponto de vista financeiro certamente poderá realizar escolhas mais racionais, podendo conhecer e compara a maior parte dos instrumentos e produtos a sua disposição minimizando a influência, por exemplo, de certos argumentos de venda, que geralmente funcionam com base na falta de conhecimento por parte dos compradores (SANTOS, 2011, p.20).

Desde o início da vida escolar, é importante trazer os temas da educação financeira e da contabilidade para a formação educacional das crianças, para que assim a sociedade adquira novos hábitos de consumo, mais racionais e responsáveis. Mas, entender a contabilidade não é algo fácil até para os adultos. Kiyosaki e Lechter (2000, p.44) afirmam que

A contabilidade pode até ser um assunto árido e confuso para a maioria das pessoas, mas se você quiser ter estabilidade financeira é um assunto muito importante, por isso deve ser ensinada desde cedo às crianças por meio de figuras, o que tornaria menos entediante. Assim nos tornaríamos adultos sabendo nos dar com o nosso

próprio patrimônio, não esperando apenas aprender com as falhas, pois as vezes pode ser tarde demais.

Segundo uma pesquisa do Instituto Rosenfield (2012), apenas 1% dos brasileiros investem em ações, e a maioria (43,5%) por falta de conhecimento. Ainda nessa pesquisa, cerca de 35% das pessoas alegaram que falta dinheiro ou tem renda muito baixa. Já um levantamento da Anbima (Associação Brasileira dos Mercados Financeiro e de Capitais) em 2017, constatou que 16% das pessoas entrevistadas ainda preferem a poupança como investimento. Enquanto isso, outros investimentos ficaram com a margem bem a baixo.

De acordo com o relatório da Anbima de 2017, o principal motivo alegado para o brasileiro não investir é a falta de recursos. Outras causas correspondem a insegurança, falta de conhecimento ou de interesse, falta de planejamento e os baixos rendimentos das aplicações. A pesquisa do Instituto Rosenfield ainda constatou que mais da metade (52%) dos entrevistados disseram preferir investimentos de baixo risco e baixa rentabilidade. Pesquisas indicam que a caderneta de poupança continua sendo o principal investimento dos brasileiros.

De acordo com Hoji (2014, p. 94) “investimento financeiro é uma aplicação de dinheiro em ativos de natureza financeira [...] geralmente, são ativos de alta liquidez”. Investimento de Renda fixa é todo aquele que se propõe a devolver o dinheiro aplicado após determinado período com o acréscimo de juros — decorrente da remuneração do capital emprestado. (ATIVA INVESTIMENTOS, 2015). São títulos de renda fixa: o CDB (Certificado de Depósito Bancário), debêntures, Tesouro Direto, poupança, Letras de Câmbio, Letras de Crédito Imobiliário e Letras de Crédito do Agronegócio, entre outros.

Além do pouco interesse em investir, o brasileiro não costuma pensar na sua aposentadoria. Segundo constatou pesquisa realizada em 2018 pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), oito em cada 10 brasileiros (78%) não estão se preparando para o momento da aposentadoria, em contramão, apenas 19% dos entrevistados se dizem precavidos para uma velhice mais confortável. Infere-se sobre essas pesquisas que as pessoas têm uma ausência de preocupação sobre suas finanças no futuro, sobretudo na velhice.

Estudar e praticar a educação financeira pode trazer vários benefícios ao longo da vida, como uma condição financeira estável. No entendimento de Amado (2011, p.18) é importante combater precocemente o endividamento, já na juventude, incorporando matérias como planejamento orçamentário e finanças domésticas nas matrizes curriculares de escolas públicas ou privadas.

Ao observar os estudos e pesquisas de mercado, constata-se que as pessoas além de endividadas, poupam muito pouco, e não se preocupam precocemente com a aposentadoria, seja por falta de dinheiro ou de uma educação financeira adequada. Contudo, não se deve apenas observar os estudos sobre educação financeira, mas colocar em prática os ensinamentos e transformá-los em hábitos do cotidiano, vivenciando práticas financeiras mais saudáveis.

2.3 Investigações prévias

Alguns estudos foram desenvolvidos em contexto semelhante ao presente trabalho, como os de Flores, Vieira e Coronel (2011), Camargo *et al* (2015) e Canto, Treter e Cavalli (2017) e Lucena, Fernandes e Silva (2010), além do artigo internacional de Xiao e O'Neill (2018).

Os estudos de Flores, Vieira e Coronel (2011), Camargo *et al* (2015) e Canto, Treter e Cavalli (2017) observaram um consenso muito amplo em relação ao endividamento, atribuindo-o à facilidade de acesso ao crédito, sendo as maiores dívidas formadas por financiamentos de bens móveis e imóveis, cartão de crédito, cheque especial, empréstimos pessoais e crediário.

Porém, os estudos supracitados, também verificaram que a inadimplência atinge apenas uma pequena porcentagem da amostra investigada, comprovando que uma dívida bem administrada é algo desejável e uma forma de adquirir bens que no momento não seriam possíveis em dinheiro à vista.

A investigação de Canto, Treter e Cavalli (2017) avaliou, também, se a população era predisposta aos riscos financeiros, e segundos os autores, os entrevistados demonstraram bastante repulsa em se colocar diante de questões de alto risco financeiro, como, por exemplo ser avalista de um financiamento. A pesquisa demonstrou que a forma com que as pessoas administram seus orçamentos é insatisfatória.

O estudo de Flores, Vieira e Coronel (2011) partiu da hipótese de que, servidores públicos, tendem a serem mais conservadores e menos propensos a se endividar, por se tratar de pessoas que buscaram um cargo estável com remuneração fixa. A referida hipótese foi confirmada pela pesquisa. Ao abordar a questão de gênero, a investigação desses autores concluiu que os homens tendem a serem mais materialistas, comprando bens de maior valor agregado, como carros e imóveis. Quanto a educação financeira, a amostra revelou possuir uma boa gestão financeira, fazendo uma boa utilização do crédito, porém o resultado foi insatisfatório em relação a investimentos e formação de poupança para ambos os sexos.

Já a investigação de Lucena, Fernandes e Silva (2010), realizada com operadores da contabilidade, constata que, dependendo de certas situações, as pessoas são influenciadas pelos efeitos cognitivos de excesso de confiança, heurística da relatividade (efeito ancoragem) e julgamentos probabilísticos. Os autores constataram, por exemplo, que, pelo fato de os entrevistados serem contadores, eles tendem a superestimar as suas capacidades, assim enviesando as suas próprias decisões.

Fazendo uma análise dos mais recentes estudos no campo da teoria das finanças comportamentais, verifica-se que a maioria das pessoas não estão sabendo lidar com a facilidade do acesso ao crédito, são fortemente guiadas por fatores comportamentais fora da sua cognição e carecem de uma melhor educação financeira. Para tanto, há formas de aprimorar as finanças pessoais, como por exemplo, manter um mecanismo próprio de controle contábil de gastos, semelhante ao uso empresarial.

O estudo internacional de Xiao e O'Neill (2018), sobre vieses no comportamento financeiro, constatou que existe um comportamento financeiro hierarquizado de acordo com os recursos econômicos das pessoas. O comportamento orçamentário é negativamente associado a recursos econômicos, comportamentos financeiros desejáveis são positivamente associados ao comportamento orçamentário, ou seja, o comportamento orçamentário é mais importante para os consumidores de baixa renda alcançar o bem-estar financeiro. Os resultados da pesquisa constataram, ainda, que os benefícios econômicos do orçamento são fundamentais, para alcançar o bem-estar econômico, principalmente se a pessoa tiver menor renda. No geral, a investigação revela que as pessoas sabem que é preciso orçar, mas não sabem como fazer, precisando de um conhecimento procedimental para realizar seus orçamentos.

3 METODOLOGIA

Quantos aos objetivos pretendidos com esta pesquisa ela é considerada do tipo descritiva. Segundo Beuren (2006, p. 81), numa pesquisa descritiva, o termo descrever tem o significado de identificar, relatar, comparar, entre outros aspectos

Quanto a abordagem do problema, uma pesquisa pode ser qualitativa ou quantitativa, ou ainda quanti-quali. De acordo com Beuren (2006, p.92) “a abordagem quantitativa caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados”. Para Beuren (2006) a abordagem qualitativa visa destacar características não observadas por meio de um estudo quantitativo, haja vista a superficialidade deste último.

Portanto, a referida pesquisa qualifica-se como qualitativa e quantitativa, extraindo-as no momento oportuno.

Foram usados alguns procedimentos técnicos quanto a tipologia de coleta de dados: a bibliografia, o levantamento e o estudo de caso. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p.50). Para Yin (2005, p. 32), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade. Também de levantamento pois “pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.” (Gil, 2008, p. 55)

Quanto a técnica de coleta de dados utilizamos a documentação direta extensiva com a aplicação de um questionário com perguntas fechadas inspirado e adaptado do estudo de Flores, Vieira e Coronel (2013).

A população investigada foi formada por estudantes de uma instituição educacional de ensino a distância na cidade de Alagoa Grande-PB. A Universidade Federal da Paraíba – UFPB Virtual, de sede em João Pessoa mantém um polo presencial em Alagoa Grande – PB, com fundação em 2010.

Para a coleta de dados foi usada uma amostragem não-probabilística em que o próprio pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo (GIL, 2008, p, 94).

A instituição a distância atende hoje 320 alunos, distribuídos em cursos de três áreas do conhecimento: ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas. Neste trabalho foi aplicado questionário dividindo a amostra entre três grupos de alunos, sendo 38 alunos de ciências humanas, 36 alunos de ciências exatas e 30 de ciências biológicas, correspondendo a uma amostra total de 103 estudantes.

Após os dados serem coletados, os questionários foram tabulados e feitas as interpretações. Os resultados dos dados estão apresentados em forma de gráficos e tabelas, ou seja, devidamente submetidos a tratamento estatístico, caracterizado pelo seu caráter quantitativo.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Esta seção demonstra a análise estatística da investigação, com os dados tabulados a partir do questionário aplicado, fazendo tanto de análise quantitativa como qualitativa, a partir de uma amostra não-probabilística.

4.1 O perfil dos entrevistados e das dívidas

A primeira parte do questionário aplicado foi de caráter sociodemográfico, o qual se buscou traçar o perfil dos alunos do Polo Manuel Rodrigues da Silva (MRS) da UFPB, em Alagoa Grande-PB. A maioria dos estudantes têm entre 19 e 24 anos, são solteiros e em geral não possuem dependentes. A maioria (53%) residem em imóvel próprio, outros 33% em imóvel locado e ainda 13% em financiado.

Quadro I - Perfil dos alunos

Variável	Alternativa	Alunos	%
Gênero	Masculino	48	47
	Feminino	55	53
Faixa Etária	Até 18	15	15
	de 19 a 24	41	40
	de 25 a 30	28	27
	de 31 a 40	14	14
	41 ou mais	5	5
Estado civil	Casado/União Estável	25	24
	Solteiro/Divorciado	78	76
Dependentes	0	58	56
	1	25	24
	2	15	15
	3 ou mais	5	5
Moradia	Própria	55	53
	Alugada	34	33
	Financiada	13	13
Escolaridade	Superior Completo	25	24
	Superior incompleto	68	66
	Pós-Graduado	10	10
Trabalho	Empregado	57	55
	Desempregado	20	19
	Autônomo	18	18
	Aposentado/pensionista	0	0
	Apenas estuda	8	8
Faixa salarial	Até 1 salário mínimo	41	40
	1 a 3 salários mínimos	40	39
	4 a 5 salários mínimos	15	15
	Mais de 5 salários mínimos	7	7
Área	Humanas	38	37
	Exatas	35	34
	Biológicas	30	29
Total		103	100

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Quanto a escolaridade, a grande maioria está na sua primeira graduação, 66% estão com o ensino superior incompleto, enquanto outros 24% já possuem graduação, e aproximadamente 10% possuem pós-graduação. Também a maioria respondeu estarem

atualmente empregados (55%), além de outros 18% exercerem algum trabalho autônomo. Outros 19% estavam desempregados, além de 8% que se declararam apenas como estudantes.

Em relação a faixa salarial, 40% vivem com até 1 salário mínimo; 39% ganham entre 1 e 3 salários mínimos; na faixa dos que recebem entre 4 e 5 salários estão representados cerca de 15% dos alunos, além de outros 7% que ganham um valor superior a 5 salários mínimos.

Como este estudo pretendeu inicialmente fazer uma correlação entre o perfil das dívidas dos alunos conforme área do conhecimento, procurou-se saber também a qual delas os estudantes pertencem. Desse modo, 37% declararam pertencer a área das ciências humanas, enquanto 34% pertencem a área de exatas, e outros 29% às ciências biológicas.

Após a análise do perfil, buscou-se fazer uma análise também do perfil dos gastos desses alunos. Para isso, foram feitas perguntas como a renda total familiar, a existência de dívidas, o estado dessas dívidas, os motivos dos gastos, como costumar pagar as despesas, se a pessoa se utiliza de algum tipo de empréstimos, entre outras questões.

Para isso, as respostas foram divididas em três grupos de entrevistados, de acordo com a área de estudo, ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas. Observe no quadro II, a seguir, o perfil das dívidas dos alunos por área de conhecimento.

Quadro II Perfil das dívidas dos alunos

Variável	Alternativa	Alunos Humanas	%	Alunos Exatas	%	Alunos Biológicas	%
Possui dívidas?	Sim	30	79	23	66	21	70
	Não	8	21	12	34	7	23
Inadimplente?	Sim	12	32	7	20	8	27
	Não	26	68	28	80	22	73
Pagamentos	Dinheiro - espécie	10	26	10	29	8	27
	Cartão de débito	4	11	3	9	5	17
	Cartão de crédito	19	50	20	57	15	50
	Fiado, carnê, nota promissória, etc	4	11	2	6	2	7
	Outros	1	3	0	0	0	0
Finanças	Falta dinheiro	24	63	17	49	15	50
	Sobra dinheiro	11	29	10	29	10	33
	Equilibrado	3	8	8	23	5	17
	Não sei responder	0	0	0	0	0	0
Empréstimos	Nunca	3	8	5	14	3	10
	Raramente	9	24	14	40	9	30
	Todo mês	6	16	3	9	5	17
	Uma vez ao semestre	14	37	10	29	11	37
	Uma vez ao ano	6	16	3	9	1	3
	Não sei	2	5	0	0	1	3

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Entre os endividados da pesquisa, o maior grupo ficou na área de humanas, com quase 80% do grupo respondendo possuir alguma dívida pendente; entre os alunos das ciências

exatas ficou constatado que 66% estão endividados de alguma maneira, e entre os estudantes das biológicas esse percentual foi de 70%.

Porém, quando perguntados se essas dívidas resultaram em cadastro de inadimplência, ou seja, atrasadas há muito tempo, o percentual cai. Assim, 32% dos estudantes de humanas se disseram inadimplentes, enquanto que esse percentual foi de 20% para alunos de exatas; e 27% dos estudantes de biológicas estão em algum cadastro de inadimplência. Assim sendo, apesar de muitos dos estudantes possuírem dívidas, não significa propriamente que elas devam estar atrasadas, e a grande maioria está podendo, momentaneamente, arcar com elas e não estão inadimplentes.

Quanto a forma de pagamento preferida entre os entrevistados está o cartão de crédito, sendo 50% para ciências humanas, 57% para ciências exatas, e 50% dos alunos de biológicas. Esse dado mostra uma confirmação de preferência de uso dessa ferramenta de pagamento, constatado nos outros estudos abordados neste artigo. Respectivamente, 26%, 29% e 27% preferem o pagamento de dinheiro em espécie, outros 11%, 9% e 17%, respectivamente, usam o cartão de débito, e ainda 11%, 6% e 7%, respectivamente fazem uso de outras formas de pagamento como fiado, carnê, nota promissória, etc.

Quando questionados sobre a atual situação financeira, 63% dos alunos das ciências humanas se referiam a falta de dinheiro, enquanto que 49% dos alunos de ciências exatas e 50% dos alunos de ciências biológicas constataram esse fato. 8% dos estudantes de humanas responderam ter uma vida financeira equilibrada, enquanto que esse percentual foi de 23% e 17%, para as áreas de exatas e biológicas, respectivamente. 29% dos alunos tanto de humanas quanto de exatas destacaram sobrar algum dinheiro, esse percentual aumenta para 33% para os estudantes de biológicas.

Perguntados sobre a recorrência a empréstimos, apenas 8% dos alunos de ciências humanas, 14% de ciências exatas e 10% de biológicas responderam nunca ter precisado recorrer a algum socorro financeiro. 40% dos alunos de exatas disseram raramente precisar de empréstimos, 9% todo mês, 29% recorrem uma vez ao semestre e 9% uma vez ao ano. Dos alunos de humanas, 24% raramente, 16% mensalmente, 37% semestralmente, 16% anualmente. E para biológicas esses percentuais foram de 30%, 17%, 37% e 3% respectivamente.

Quando os alunos que estavam endividados, foram questionados sobre os principais motivos que levaram a essa situação, podendo mencionar mais de uma opção, a maioria, 44 e 40 pessoas destacaram que os gastos eram maiores que a receita e a falta de planejamento e organização, outros 30 mencionaram as compras por impulsividade, 20, os juros abusivos e

10, os gastos não planejados. Apenas 5 pessoas destacaram problemas de saúde, 9, o desemprego, e outros 14 afirmaram que a renda diminuiu. 17 destacaram outros motivos. Poderiam ser colocados mais de um motivo nessa questão.

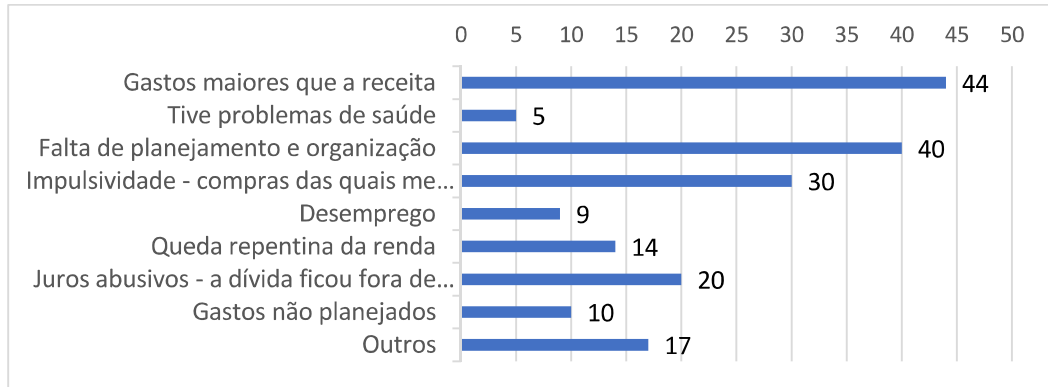


Gráfico 1 - Motivos do endividamento

Fonte: Dados da Pesquisa

Além disso, foi questionado também quais seriam os motivos mais recorrentes dos gastos dessas pessoas. A grande maioria, cerca de 80 pessoas, responderam comprar na maioria das vezes apenas itens de necessidades básicas do dia a dia, enquanto outras 42 apontaram ter necessidades de se atualizar quanto a tecnologia. 27 estudantes se disseram gastar para estarem se adequando à sociedade atual, ou seja, não se sentirem atrasados nas novidades do mercado, 33 pessoas disseram comprar recorrentemente produtos de moda e vestuário, outras 21 pessoas com viagens. Ainda 24 pessoas relataram gastos referentes a outros motivos.

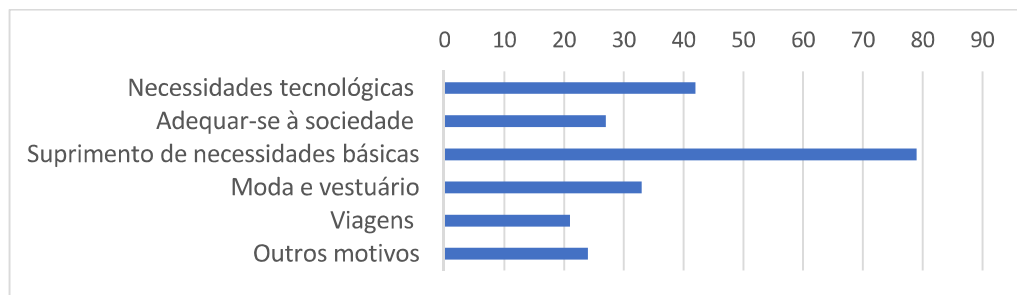


Gráfico 2 - Motivos das compras

Fonte: Dados da pesquisa

Perguntados agora sobre as quais tipos de socorro financeiro recorreram quando precisaram, 40 estudantes afirmaram ter pego algum valor com familiares ou amigos, 30 com banco ou financeira, 28 entraram no rotativo do cartão de crédito, outras 17 entraram no cheque especial e apenas 12 no consignado. Apenas 4 alunos disseram ter recorrido a agiotas. 30 alunos responderam não ter recorrido a nenhum tipo de empréstimo.

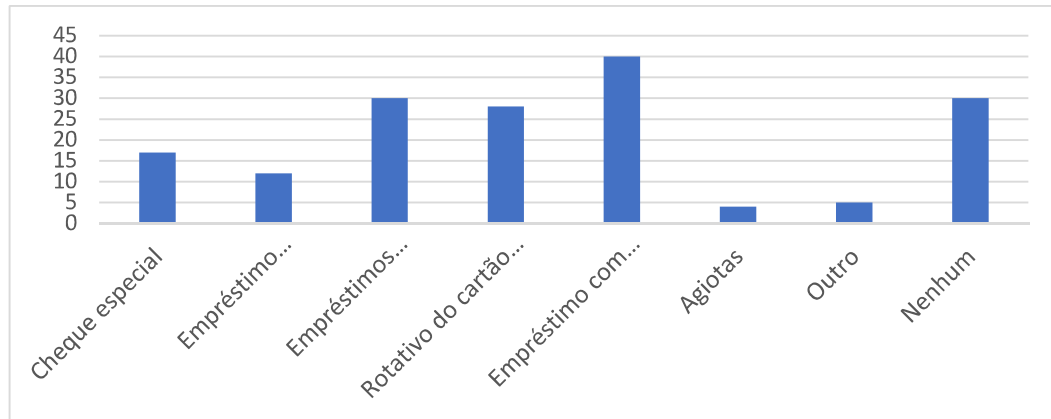


Gráfico 3 - Socorro Financeiro
Fonte: Dados da pesquisa

4.2 Nível de educação financeira e fatores comportamentais nos gastos e endividamento dos entrevistados

Buscou-se aqui encontrar a influência de fatores comportamentais e o nível de educação financeira dos entrevistados. Perguntas do tipo, “como você baseia as suas decisões”, “tempo médio para a tomada de decisões”, “a forma como gerencia suas finanças”, “quais as considerações a fazer na hora de uma aquisição”, entre outras questões foram levantadas.

Inicialmente perguntou-se aos alunos o que baseava as suas decisões financeiras. 60 alunos constataram que compram por impulsividade, 45 fazem pesquisa na internet antes de decidir, outros 40 baseiam-se em experiências passadas, e 31 em conselhos de amigos ou parentes. Ainda 10 pessoas destacaram outros motivos.

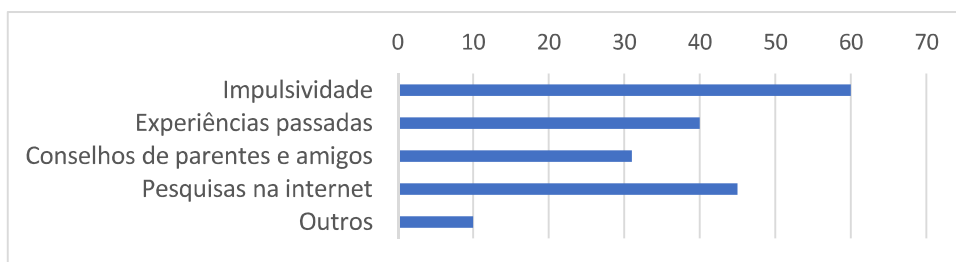


Gráfico 4 - Embasamento das decisões
Fonte: Dados da Pesquisa

Foi perguntado também, se ao receber uma quantia inesperada, qual seria a atitude dela em relação a esse dinheiro. Neste caso, 70 pessoas alegaram pagar contas em atraso, outras 50 admitiram empreender, começar algum negócio com o valor, 30 pessoas fariam um investimento, 31 fariam alguma aquisição desejada, 22 pessoas disseram aproveitar o dinheiro com lazeres que ultimamente não estavam sendo habituais, só 13 ajudariam parentes ou amigos e apenas 8 emprestariam esse dinheiro. 17 revelaram outros motivos.

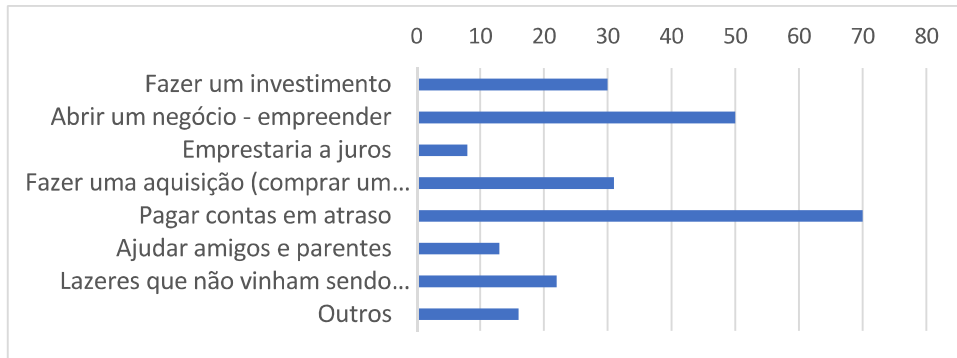


Gráfico 5 - Indenização Inesperada
Fonte: Dados da pesquisa

Foi listado também no questionário, vários tipos de investimentos, os quais deveriam ser indicados pelos alunos a medida que essas pessoas conheciam esses investimentos. Todos os 103 alunos, ou seja, 100% deles afirmaram ter conhecimento da caderneta de poupança, outros 55 conhecem ou já ouviram falar do mercado de ações, e outros 30 no tesouro direto, 22 no CDB. Outros investimentos como CDI, RDB, debêntures, fundo imobiliário, letras de câmbio, e fundos de renda fixa foram pouco mencionados.

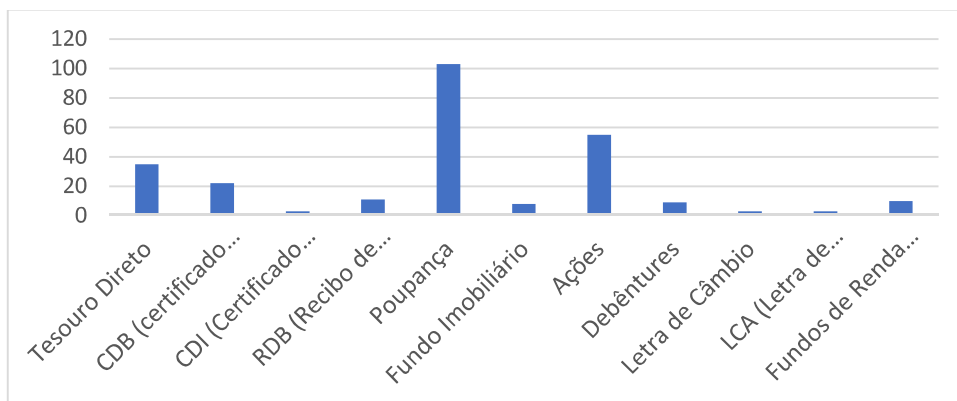


Gráfico 6 - investimentos financeiros
Fonte: Dados da Pesquisa

Foi também perguntado quais as preferências que os alunos têm no quesito investimentos, 60 deles mencionaram buscar segurança, ou seja, menor risco de perder o dinheiro, outros 45 consideram a liquidez algo importante. 20 pessoas disseram preferir um curto prazo de resgate, ainda que esse rendimento seja menor, e 12 buscam um rendimento maior, mesmo com um prazo maior de resgate. Outras pessoas, 26 e 22, respectivamente destacaram a isenção de impostos e o nome da instituição como fatores importantes. Apenas 8 estudantes destacaram assumir um investimento arriscado, mesmo que a renda fosse bem maior. 30 pessoas não souberam responder.

Destaca-se que, em relação as mulheres, 39% marcaram pensar na segurança e 24% afirmaram a liquidez; entre os homens destaca-se que eles estão mais dispostos a arriscar,

75% das 8 pessoas que escolheram o investimento de maior risco eram homens, e também 10 dos doze que preferiam esperar mais para terem mais rentabilidade.

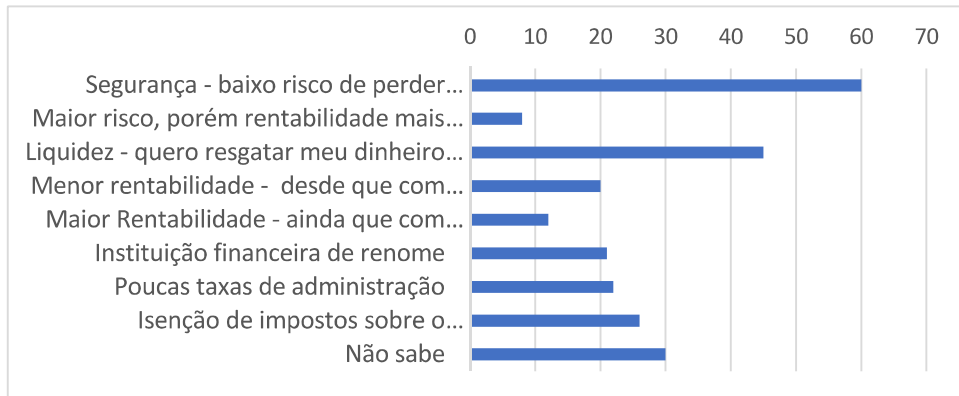


Gráfico 7 - Preferências investimentos
Fonte: Dados da Pesquisa

Perguntados também sobre o orçamento e planejamento familiar, foi feita uma correlação entre esta variável com a questão de gênero. Foi constatado que as mulheres possuem um melhor comportamento sobre os homens nessa questão. Para a questão da aposentadoria constatou-se que 38% das mulheres se preocupam e planejam a aposentadoria, já para os homens esse percentual foi de 31%. Se possuem poupança ou algum outro investimento, 44% das mulheres afirmaram ter dinheiro na poupança, enquanto o percentual de homens foi de apenas 29%. Na questão de elaboração de um orçamento individual ou familiar, 56% dos homens elaboram, enquanto 64% das mulheres o faz. Perguntados se possuem alguma reserva de emergência, 23% dos homens e 35% das mulheres afirmam ter.

Os dados revelam um comportamento mais saudável vindo das mulheres, mostrando que elas poupam mais, tem a prática do orçamento mais presente nas suas vidas e planejam mais sua aposentadoria, embora esse número não seja significativamente maior.

Quadro 3 – Orçamento

Variável	Alternativa	Homem (%)	Mulher (%)	Total (%)
Planeja ou Investe na aposentadoria	Sim	31	38	35
	Não	69	62	65
Possui algum investimento ativo?	Sim, poupança	29	44	37
	Sim, outros	10	5	8
	Nenhum	61	51	55
Possui Orçamento Individual ou Familiar?	Sim	56	64	60
	Não	44	38	40
Possui reserva de emergência?	Sim	23	35	29
	Não	77	65	71

Fonte: Dados da Pesquisa

Quando a variável considerada foi a questão da idade dos estudantes, verificou-se que quanto menor a idade menos a preocupação com a aposentadoria. Apenas 7% dos jovens até

18 anos afirmou fazer algum planejamento, esse percentual foi de 17% para alunos de 19 a 24 anos, 36% nas idades de 25 a 30 anos, 50% entre 31 e 40 anos e 60% nos que tem idade de 41 acima.

Perguntados se possuíam algum tipo de investimento, 20% dos jovens de idade até 18 anos responderam possuir ao menos um investimento, sendo 13% poupança; de 19 a 24 anos, 34% investem, sendo 19% na poupança. Com a idade entre 25 a 30, 43% têm investimentos; metade dos entrevistados entre 31 e 40 anos investem, e as pessoas acima de 41 anos, 9 em cada 10 possuem.

Na questão de elaboração de orçamento, 73% dos alunos de até 18 anos não elaboram um orçamento, seja individual ou familiar; 66% dos q tem idade de 19 até 24 anos também não elaboram orçamento, e entre 25 e 30 apenas 32% possuem orçamento; de 31a 40, 36% elaboram. A margem aumenta substancialmente nos que tem idade superior a 41 anos, sendo essa margem de 80%.

Quando a questão era reserva de emergência 60% das pessoas com mais de 41 anos afirmaram ter; 36% entre os que tem idade entre 31e 40 anos; 25% entre 25 e 30 anos. Entre os jovens de 19 a 24 anos, 85% disseram não ter essa reserva; esse número chega a 87% entre jovens até 18 anos.

As respostas na tabela abaixo reforçam que a medida que a idade chega, a maturidade e a experiência podem fazer com que o comportamento mude para melhor, fazendo as pessoas pouparem mais, orçar seus gastos e planejar sua velhice, ainda que tardiamente, pois o ideal é planejar a aposentadoria desde cedo.

Quadro 4 - Educação Financeira

Variável	Alternativa	Até 18 (%)	19 a 24 (%)	25 a 30 (%)	31 a 40 (%)	41 acima (%)
Planeja ou Investe na aposentadoria	Sim	7	17	36	50	60
	Não	93	83	64	50	40
Possui algum investimento ativo?	Sim, poupança	13	19	25	30	80
	Sim, outros	7	15	18	20	10
	Nenhum	80	66	57	50	10
Possui Orçamento Individual ou Familiar?	Sim	27	29	32	36	80
	Não	73	71	68	64	20
Possui reserva de emergência?	Sim	13	15	25	36	60
	Não	87	85	75	64	40

Fonte: Dados da Pesquisa

Outra questão levantada pela pesquisa foi se frequentemente as pessoas apenas por motivo de ‘esquecimento’ deixam de pagar as suas contas, geralmente por consequência de não possuir uma ferramenta de gastos e acompanhamento dessas dívidas. Nesse caso, 34%

afirmaram deixar de pagar contas apenas por tê-las esquecido. A falta de uma ferramenta de controle de gastos pode levar as pessoas a deixar de pagar uma dívida simplesmente pelo esquecimento, fazendo a pessoa pagar mais juros ou levar a inadimplência.

Cerca de 41% das pessoas disseram praticar um controle de gastos feita só ‘de cabeça’, isto é, apenas mentalmente, e ainda 25% afirmaram não munir de nenhuma forma de gerenciamento de despesas. O restante, certa de 35% afirmaram fazer o controle através de aplicativos de celular, ferramentas de computador, como o Excel ou ainda no velho caderninho ou agenda.

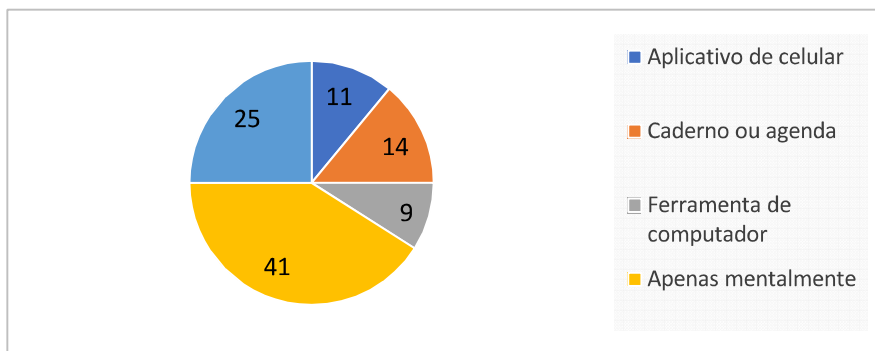


Gráfico 8 - Ferramentas de Gastos

Fonte: Dados da pesquisa

Foi perguntado, também, caso a pessoa não tivesse a possibilidade de realizar a casa própria, mas tivesse orçamento suficiente para adquirir de outra forma, qual ela escolheria. As opções estavam entre financiar, alugar ou fazer um consórcio. Metade dos entrevistados escolheriam financiar o imóvel, e 40% se dividiram entre aluguel e consórcio. Outros 10% não souberam responder. A prática do financiamento é a mais gravosa em relação aos juros cobrados, sendo mais compensável o aluguel ou o consórcio do imóvel.

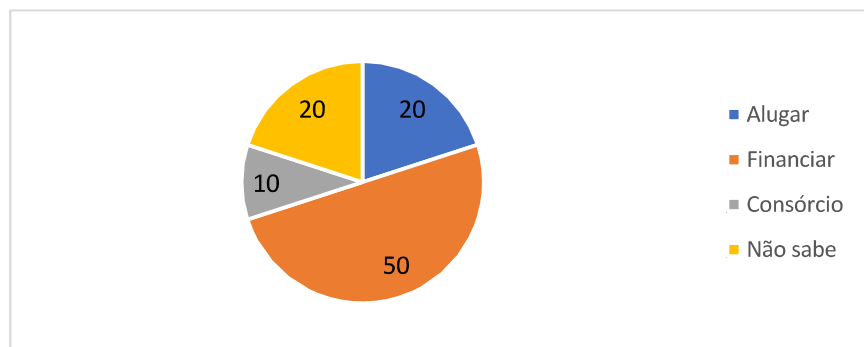


Gráfico 09 - Compra de imóvel

Fonte: Dados da Pesquisa

Por derradeiro, foi questionado aos alunos da instituição em relação a importância de se manter uma ferramenta de controle de gastos, a qual o aluno poderia acompanhar entradas e saídas do seu orçamento.

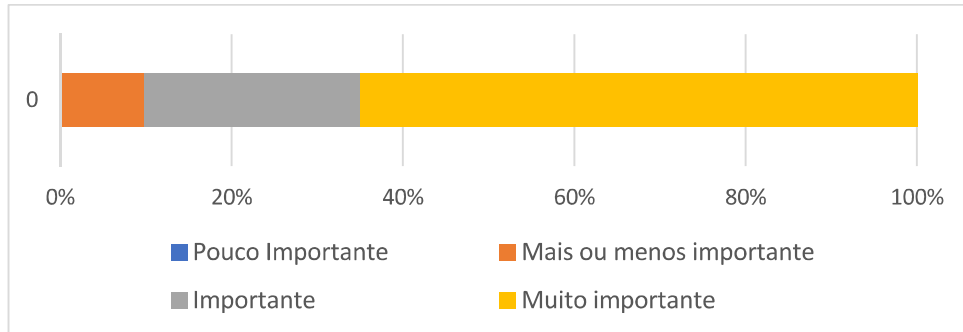


Gráfico 10 - Importância do Controle
Fonte: Dados da Pesquisa

A grande maioria das pessoas, ou seja, 65% constataram ser ‘muito importante’ manter uma ferramenta de controle de gastos, além disso, outros 25% consideraram ‘importante’ possuir alguma, sendo assim 90% dos alunos consideram que é no mínimo importante controlar seus gastos através de uma ferramenta prática. Outros 10% consideraram mais ou menos importante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tinha como objetivo principal verificar a influência que a contabilidade mental exerce nos alunos de uma unidade educacional da cidade de Alagoa Grande – PB na hora de tomar decisões.

Constatou-se que a contabilidade mental está muito presente nas decisões financeiras desses alunos, interferindo no modo como elas agem e nas decisões tomadas, pois muitas delas não controlam suas finanças por meio de nenhuma ferramenta técnica, sendo que cerca de 65% afirmaram não exercer sobre suas finanças nenhum tipo de gerenciamento ou fazem a sua própria contabilidade apenas mentalmente.

Quanto ao perfil das dívidas, boa parte das dívidas desses alunos vem do cartão de crédito. Porém, apesar de muitos estarem endividados, verifica-se que apenas pequena parte dessas pessoas caem em inadimplência, corroborando com a ideia de que o bom uso do cartão não implica nesses malefícios.

A correlação entre os dados mostra que na área das ciências humanas estava o grupo de mais endividados e de inadimplentes. Em relação ao nível de educação financeira desses alunos, verifica-se uma insuficiência com as boas práticas das finanças pessoais, pois boa

parte não consegue poupar, não possuem investimentos e nem reserva de emergência, e não planejam aposentadoria. E na questão da abordagem de gênero, observa-se uma melhor positividade no comportamento financeiro feminino, que em geral a mulher poupa mais, orça mais seus gastos e pensa na aposentadoria mais cedo que o homem.

Fica evidenciado no estudo que, ferramentas de controle financeiros são de grande importância e valia para as pessoas, sendo considerado muito importante para 65% dos pesquisados. Os riscos da contabilidade mental podem ser abrandados com o uso das técnicas contábeis do dia a dia empresarial.

Dentre as limitações desta pesquisa está a falta de uma amostra mais significativa, o tempo curto de investigação e a falta de situações mais práticas e não apenas a opinião da população em questão. Seria interessante fazer uma investigação mais profunda com alunos concluintes de cursos mais tecnicistas como contabilidade e economia e comparar com outros alunos de áreas do conhecimento mais teóricas como filosofia e sociologia.

MENTAL ACCOUNTING AND BEHAVIORAL FINANCE: a study in an institution of
higher education mode of distance education

ABSTRACT

The present study aimed to identify how mental accounting acts in the financial decisions of the students of an educational unit of higher education in the distance education modality in the Alagoa Grande City, Brazil. For that, a survey was carried out with a sample of 103 students belonging to this institution. It is characterized as a descriptive research, regarding the objectives and has a qualitative-quantitative nature. In the results, it was verified that the interviewees have different perceptions, when considering the areas of knowledge to which they belonged, when approached about the indebtedness, finding in the students of human sciences the highest percentage of indebtedness. Considering the total sample of the research, it is found that the main reasons that led to student indebtedness were: (i) expenses higher than expenses and (ii) impulsivity purchases; As for the type of financial aid, most seek help from friends and relatives; the main attribute used to base their consumption decisions was impulsiveness; the financial investment best known by the sample is savings, which corroborates the preference for safe investments with low risk of losses; the data show that most respondents use only the mind to monitor their controls with expenditures; when assessing the gender issue, it is found that women tend to save more than men.

Keywords: Mental accounting. Behavioral Finance Indebtedness.

REFERÊNCIAS

- AMADO, M. D. P. **Estudos das Finanças Pessoais – Educação Financeira de Ingressantes em Universidades**. 2011. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2011
- ANBIMA. **Menos de um quarto dos brasileiros investe em produtos financeiros**. Disponível em: <http://www.anbima.com.br/pt_br/imprensa/menos-de-um-quarto-dos-brasileiros-investe-em-produtos-financeiros.htm>. Acesso em: outubro 2018.
- ATIVA INVESTIMENTOS. Guia Completo: **O que você precisa saber sobre renda fixa**. Disponível em: <<https://ativainvestimentos.com.br/comunicacao/outros/blog-ativa/04-guia-completo-o-que-voce-precisa-saber-sobre-renda-fixa-ativa-investimentos.pdf>>. Acesso em: outubro 2018.
- BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- BOA VISTA, SCPPC. **Desemprego aumenta como o principal motivo da restrição do nome dos consumidores**. Disponível em: <https://www.boavistaservicos.com.br/noticias/desemprego-aumenta-como-o-principal-motivo-da-restricao-do-nome-dos-consumidores-aponta-pesquisa-da-boa-vista-scp/>> Acesso em: agosto 2018
- CAMARGO, B. F. et al. Contabilidade mental e finanças comportamentais: Estudo com colaboradores de uma empresa cerealista. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, 30 outubro 2015. 65-91.
- CANTO, A. A. S.; TRETER, J.; CAVALLI, K. Contabilidade mental e finanças comportamentais: um estudo com colaboradores de uma instituição de ensino superior da cidade de Cruz Alta/RS. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, Amazônia, 23 julho 2017. 139-162. Disponível em: <<https://doi.org/10.18361/2176-8366/rara.v9n3p139-162>>. Acesso em: setembro 2018.
- CNDL/SPC BRASIL. **Apenas 31% dos brasileiros são consumidores conscientes, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil**. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/5379>>. Acesso em: outubro 2018.
- DANTAS, M. M.; MACEDO, M. A. D. S. O PROCESSO DECISÓRIO NO AMBIENTE CONTÁBIL: UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA DOS PROSPECTOS. **Revista Contabilidade e Controladoria**, Curitiba, v. 5, n. 3, p. 47-65, dezembro 2013.
- FLORES, S. A. M.; VIEIRA, K. M.; CORONEL, D. A. Influência de Fatores Comportamentais na Propensão ao Endividamento. **Revista de Administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 13-35, outubro 2012.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOJI, M. **Administração Financeira na Prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal**. 5. ed. São Paulo: ATLAS, 2014.
- IBGE. **Contas Nacionais Trimestrais Indicadores de Volume e Valores Correntes**, 2017. Disponível em:

<ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Nacionais/Contas_Nacionais_Trimestrais/Fasciculo_Indicadores_IBGE/2017/pib-vol-val_201702caderno.pdf>. Acesso em: Outubro 2018.

IUDÍCIBUS, S. D.; MARION, J. C. **Curso de Contabilidade para não Contadores:** para as áreas de administração, economia, direito e engenharia. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

KIMURA, H.; BASSO, L. F. C.; KRAUTER, E. Paradoxos em Finanças: Teoria Moderna Versus Finanças Comportamentais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, vol. 46, n. 1, jan-mar 2006, v. 46, n. 1, p. 41-58, janeiro-março 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902006000100005>>.

KIYOSAKI, Robert T. LECHTER, Sharon L. **Pai rico, pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** 67^a. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

ROSENFELD, INSTITUTO. **Brasileiro prefere investir em poupança e acha que bolsa e para ricos.** Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2012/12/14/brasileiro-prefere-investir-em-poupanca-e-acha-que-bolsa-e-para-ricos.htm>> Acesso em: agosto 2018

LUCENA, W. G. L.; FERNANDES, M. S. A.; SILVA, J. D. G. D. A contabilidade comportamental e os efeitos cognitivos no processo decisório: uma amostra com operadores da contabilidade. **Revista Universo Contábil**, Blumenau, v. 7, n. 3, p. 41-58, setembro 2011.

OLIVEIRA, R. L.; KRAUTER, E. Teoria do Prospecto: como as finanças comportamentais podem explicar a tomada de decisão. **Revista Pretexto**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 106-121, agosto 2015.

SANTOS, P. G. G. Análise do Conhecimento Financeiro dos Alunos do Ensino Médio. 2011. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2011

SPC BRASIL; CNDL. **Oito em cada dez brasileiros não se preparam para aposentadoria, mostra pesquisa do SPC Brasil e CNDL.** Disponível em:

<<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/4494>>. Acesso em: outubro 2018.

STEINER, Pedro; SILVA, Luciana Giles Da; GRAMMS, Lorena Carmen; MARCELINO, Edson; PRADO, Pedro. A Teoria dos Prospectos revisitada: a influência dos beneficiários da decisão. XXII EnAnpad, **Anais...**, 1998.

STEINGRABER, R.; FERNANDEZ, R. G. A racionalidade limitada de Herbert Simon na Microeconomia. **REVISTA Soc. Bras. Economia Política**, São Paulo, v. 34, p. 123-162, Fevereiro 2013.

KAHNEMAN, D. TVERSKY, A. Prospect Theory: an analysis of decision under risk. **Enometrica**, v.47, n2, p. 263-291, mar 1979.

XIAO, J. J.; O'NEILL, B. **Mental accounting and behavioural hierarchy: Understanding consumer budgeting behaviour**, 2018. Disponível em:

<<https://www.researchgate.net/publication/324826057>>. Acesso em: Outubro 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.